



A Alma Académica

Propriedade da Academia do Liceu de Aveiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LICEU — AVEIRO

REDACTOR PRINCIPAL

DAVID CRISTO

CORPO REDACTORIAL

José Martins
Aníbal Sucena
Ivo Abrunhosa
Joaquim Dinís
António Soares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO.

«GRÁFICA AVEIRENSE»

Rua José Estêvão — AVEIRO

Director — JOSÉ CAMILO TAVARES

Editor — AMÍLCAR AMADOR SILVA

Administrador — AFONSO DE BARROS SIMÃO

NÚMERO AVULSO, \$50

ASSINATURA

SÉRIE DE SEIS NÚMEROS, 3\$00

O nosso programa

Entra êste quinzenário na sua IV série.

Embora se tenha a convicção de que os jornais académicos são efémeros, como as rosas de Mallerbe, nem por isso desanimamos de fazer reviver a «Alma Académica».

Por mais curta que seja a sua duração, êstes jornais teem sempre um alto significado moral, porque contribuem para estreitar os laços de solidariedade entre estudantes, estimular-lhes o espírito, servindo ao mesmo tempo para que os alunos mais experimentados e mais cultos com tendências literárias, possam exercitar a sua actividade e expandir a ambição de pôr em letra redonda aquilo que, como tais, sentem no coração e na alma com desejo de que se conheça.

Sendo um jornal de estudantes, a «Alma Académica» terá a ligeireza, a suavidade das coisas môças e por isso também as suas secções para entreter e até fazer rir.

Não é êste jornal órgão duma academia científica, nem de uma agremiação de conselheiros sizudos e graves.

Mas, nem por ser de estudantes, deixará de preocupar-se com os assuntos sérios relativos ao engrandecimento do nosso Liceu e da Academia.

A Direcção da Academia quer fazer alguma coisa de útil e vantajoso. O nosso pequeno jornal será o seu intérprete.

E' mesmo devido à nobre idea de camaradagem espiritual que nos anima e, graças à colaboração generosa e fecunda de várias pessoas, entre as quais nos cumpre destacar o Dig.^{mo} Reitor e o ilustre Corpo Docente do Liceu, que êste jornal aparece.

Para angariar os fundos necessários à realização dêste empreendimento, tivemos de recorrer à simpatia e valioso auxílio de algumas personalidades desta cidade. A todos os que tam carinhosamente nos atenderam, aqui fica patenteado o nosso sincero agradecimento.

Seria imperdoável, que neste

“A Alma Académica,,

Tendo resolvido reviver o antigo jornalzinho académico, que, acalentado com maior ou menor simpatia, aqui tem visto a luz em vários anos lectivos, a actual direcção Académica do Liceu convidou-me a redigir um pequeno artigo para o primeiro número da nova série. Era necessário anuir, já para corresponder à gentileza do convite, já para encorajar os rapazes nesta sua manifestação de vida e actividade.

Expuseram-me a orientação que tencionavam dar à gazeta; disseram-me quais as secções do quinzenário, quais os colaboradores e a que normas obedeceria a colaboração. E tudo isto com grande entusiasmo e com uma grande fé! Para êstes nossos rapazes não há dificuldades, nem mesmo financeiras, que tam freqüentemente costumam atormentar estudantes... Bom pronúncio, porque, se a série não for longa; se o jornal houver de viver vida efémera, nem por isso deixará esta geração de pagar o seu tributo ao jornalismo.

¿Que direi, pois, se tudo já lhes disse pessoalmente, como o pai costuma fazer aos filhos, quando êles lhe pedem um conselho ou lhe expõem um plano de vida? Contam com o meu aplauso e amparo, certos de que o tempo e canseiras que vão despender na organização, revisão e distribuição dos números que saírem não serão malbaratados: o trabalho honesto e metódico, principalmente quando desinteressado, produz sempre compensações.

E mais tarde, já na vida prática, êstes moços poderão dizer que, se não contribuíram com o seu jornal para melhorar as condições materiais ou morais da sociedade portuguesa, orientarem uma pequena geração de estudantes e aprenderem na escola da juventude a dar os primeiros passos da escola dos adultos. Sim, porque também se aprende muito manuseando soldados de chumbo ou cavalgando cavalos de madeira, ou embalando e amamentando crianças de trapos ou celulóide!...

Aveiro, 20/X/1930.

José Tavares

momento de bem sentido entusiasmo, não lembrassemos com saudade os nomes de França Martins e Ernesto Ratola, fundadores da «Alma Académica» cujo primeiro número se publicou em 11 de Novembro de 1923. Para êles também a nossa devida homenagem.

Se houver da parte de todos os estudantes a simpatia, a dedicação e verdadeiro afecto que pelo seu jornal devem ter, convencidos estamos de que êste terá, para todos nós, a vida de útil e agradável proveito que bem do coração lhe desejamos.

José Camilo Tavares

Às leitores da “Alma,,

Atenção

Rogamos a todos os leitores a quem enviamos, pela vez primeira, o nosso jornal e não queiram assiná-lo, a fineza de o remeterem.

Mas pensai, leitor amigo, que devolver o jornal é amputar-nos êste sonho que as nossas mentes de idealistas vislumbraram.

Assinar, pois, a «Alma Académica» é prestar o mais valioso auxílio a uma mocidade crente que possui, sobretudo, o louvável intuito de acertar.

Visado pela Comissão de Censura

Saüdação

Infelizmente não tenho os ouvidos habituados à genial linguagem de inspiração sublime, de Cícero ou Tito Lívio, Camões ou Herculano, para orgulhosa e altivamente saüdar mais uma vez, o ressurgir dêsse baluarte que sempre em arrancos impetuosos, àvido da vitória, soube vencer as ondas mais revoltas da ingratidão — a «Alma Académica».

Os meus olhos cançam de tanto olhar, e a minha alma bastante sensível, emaranha-se numa neblina tôda feita de sonho, de poesia e de amor, cogitando horas e horas no grito que vi agitar-se de que vai reaparecer a «Alma Académica», êsse porta-voz do escol da juventude de hoje.

Vangloriei-me com êsse grito de fé e entusiasmo, pois que todos aqueles que se teem escondido na sebe viva das mentiras humanas, sentem agora em si próprios, alguma coisa de decrépito, de extinto, de gélido, como o macabro silêncio dos muros condenados a desaparecer.

Motivo de orgulho para nós, mocidade estudiosa, é ainda êsse fulgente ressurgir, pois que êsse vento indomável que arrastando turbilhões de pó para altas regiões, lhe escurece no cimo das montanhas a estrêla fulva do seu ideal.

Agora cumpre que a «Alma Académica» mantenha o caracter que tem trazido até aqui, que o continue a praticar e que o saiba defender a todo o transe, ainda que no meio das maiores contrariedades e dos mais escabrosos abrolhos que surjam no caminho da nossa existência. Que não declinemos no princípio da grandiosa obra de que lançámos mão.

E agora, duas palavras finais, a vós, jovens, que traçais uma capa negra, como eu. Amai com ardor o nosso Jornal, o Jornal que nos defende, pugnando sempre pelo nosso ideal, essa trilogia bendita de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que saberá levantar com o fulgor da nossa pena, monumentos tam nobres como o Porténou de Atenas, estátuas tam expressiva co-

Crónicas científicas

Os mais velhos abrem caminho aos mais novos. É a lei da vida. Eis por que aqui estou a iniciar, a pedido dos rapazes que querem fazer reviver a «Alma Académica», a secção das *Crónicas... sem sciência*.

Divulgar conhecimentos úteis, tornando acessível aos rapazes, ainda os mais atrasados, factos e doutrinas dispersas em revistas e livros cuja leitura demanda muito tempo e uma preparação científica relativamente grande, tal deve ser, penso eu, o fim destas crónicas. Assuntos? São quasi em número infinito. Desde o mundo dos protozoários ao rei da criação, das bactérias ultra microscópicas às mais frondosas árvores das florestas da Austrália, do cristal que fascina às moles enormes das rochas que infundem terror, da Terra ao Mar, quantos temas, quantos assuntos, quantos problemas se nos deparam! Tudo depende da forma como forem expostos. Aqui, como diria o outro, é que está a sciência das *crónicas científicas*.

As «crónicas» devem deleitar o espírito à medida que instruem, e mesmo quando nos disserem coisas que estamos fartos de saber, devem dizê-las duma maneira aprazível e agradável, por forma que nos deixemos embebezer pela originalidade, simplicidade e elegância da expressão literária.

Artigos pesados, enfadonhos, em linguagem tableónica, com ar de Conselheiro Acácio, não. A «Alma Académica» tem de ter aquêle ar rapaz, vivo, um tudo riada irreverente, do *gavroche*. Nada de mascarar o jornalzinho com roupagens que lhe não fiquem a carácter. Guardem isso para os vossos cinquenta anos.

Crónicas de vulgarização científica, sem pretensões, despidas de vaidades ridículas, muito *rapazes*, tais devem ser os artigos que cabem nesta secção.

Feita a apresentação, resta-me felicitar os académicos que meteram ombros à empresa de ressuscitar a «Alma Académica» de França Martins, e declarar aberta... a secção das *Crónicas científicas*.

Tem a palavra o senhor...

Outubro de 1930.

A. Sampaio

mo a de Venus de Milo! Amai-o e propagai-o, porque êle nos saberá emitir effúvios de patriotismo, scintellas de fé, raios de nobres exemplos, borbotões de ensinamentos que, bem estudados e seguidos, afastariam, decerto, para longe, o bacilo venenoso do êrro, cancro social que ora turtura a nossa Pátria!

Terminando, humildemente pede benevolência para estas mal limas-

Inteligência e Cultura

Acostumado, por temperamento e quasi por sistema, a prestar auxílio, na medida das minhas possibilidades intellectuais, às campanhas da Inteligência e da Cultura, da Esperança e do Vigor, do Espiritualismo e da Fé, da Educação e da Instrução, acolhi de bom grado o apêlo, simpático pela bôa-vontade que representa, dos meus colegas do Liceu José Estêvão.

Como antigo aluno que fui do Liceu de Aveiro e um dos mais obscuros representantes daquela geração que pela primeira vez atirou, ao marásmo da publicidade, os inexperientes e trémulos vagidos da *Alma Académica*, cumpre-me, antes de endereçar as minhas palavras aos meus colegas mais novos, prestar homenagem, nestas colunas, ao alto espírito de iniciativa e de trabalhador incansável, de honestidade e dedicação desinteressada, que foi Ernesto Casimiro Souto Ratola, infeliz amigo votado implacavelmente ao silêncio dos túmulos.

Distinguindo-o, pretendo mostrar um grande exemplo, que merece a admiração de todos aquêles cuja actividade se desenvolve no sentido de criar obras úteis, ao mesmo tempo que dou cumprimento a um dever que se impõe a todos quantos com êle trabalharam, animados do mesmo heroísmo vital e do mesmo entusiasmo benéfico da combatividade.

Fundimos o aço das nossas espadas na mesma chama de Ideal que nos animava! E, impulsionados pelo mesmo influxo espiritual e pelo mesmo calor, vivificante e admirável, de lutar e de vencer, — lá fomos todos para os campos de batalha!...

Tivemos os nossos desânimos; saboreámos o fêl amargo dos injejos e dos derrotistas; sofremos, por vezes, os vexames das falanges estêreis dos inimigos, mas a Fé na vitória e o leal espírito de solidariedade que nos irmanava, retemperavam, como às doninhas da lenda, a nossa coragem e o nosso esforço nas refregas fecundas do Pensamento e da Acção!

Afirmava já Renau, numa carta a Berthelot, que «*les grandes choses du passé on été faites bien plus par enthousiasme et par passion que par raison.*» Representávamos assim, dentro de certo limite e num gráu inferior de idiosincrasia mental, a concepção *emersoniana* do herói como temperamento intuitivo e impetuoso, cuja *confiança em si próprio constitui a essência do heroísmo*.

Portanto, meus queridos colegas! E' aquêle exemplo nobilitante e êste heroísmo criador que queria ver incarnados, indestrutivelmente, no vosso espírito e na vossa vontade, como primeiro sintoma prometedor de novos horisontes para os olhares ansiosos da Mocidade portuguesa.

Atravessamos, meus caros amigos, neste século materialista, — que é sinónimo de utilitarismo individual, — uma formidável crise de Inteligência, que podia ser devida, em certas proporções, pela eficácia inofismável da panacea da Cultura!

O estado de crise em que nos encontramos, filho, como nós, dum excessivo materialismo e dum sistema puramente racionalista e demagógico que fatalmente nos subordina ao predomínio feroz da indisciplina mental que nos ameaça, não pode nem deve ser indiferente de nenhum modo ao exercício da actividade intellectual e cultural dos pedagógos e dos pensadores. E' a êles, sôbretudo, que compete iniciar a *Campanha da Inteligência e da Cultura*, applicando à doença de que enferma a nossa mentalidade o antidoto purificador duma terapêutica salutar!

Após uma diagnóse consciente, demorada, imparcial e honesta, sem espírito de facção nem de seita, (cujo início sofreu já, felizmente, o impulso de alguns dos mais altos espíritos críticos nacionais) — a Mocidade portuguesa, consciente dos seus deveres e pondo de parte todos os sistemas científicos, pedagógicos ou filosóficos que atrofiem as altas concepções da Razão e do Sentimento, tem apenas um papel a desenvolver: cultivar a Inteligência, sem a qual não há espírito crítico, subindo, embora a custo, a Colina sagrada da Cultura!

Alboj, 1930

Luis Regala

das mas sinceras linhas, o vosso colega que vos envia efusivas felicitações.

Outubro de 1930.

M. Victor.

Excursão anual

Já foi aprovado pelo Conselho Escolar, o projecto da excursão anual para os alunos das 7.^{as} classes de letras e sciências.

No próximo número daremos mais informes.

Biblioteca de "A Alma Académica,"

Aos editores

A «Alma Académica» terá o prazer de registar nas suas colunas, com uma apreciação crítica, o aparecimento de livros que lhe forem remetidos.

Manuel das Neves

ADVOGADO

Praça 14 de Julho — AVEIRO

Ingratidão!

Grupos alegres de raparigas, orgulhosos peraltas de monóculo, comerciantes obesos a fumar grossos charutos, enfim tôda essa onda humana se cruza num vai-vem incessante respirando uma vida de tédio que lhes mina a existência. Agora é um automóvel luxuoso, verdadeiro palácio ambulante que espalha por todos os lados cheiros deliciosos de elegante perfumaria, misturados com fumos leves dos mais caros cigarros. Logo adiante, um gentil corpito movendo-se com desenvoltura e graça dentro do mais recente vestido da moda, exhibe todas as espécies de pinturas. E, lá ao fundo, como que saindo dum túmulo, avança um par todo esfarrapado. Encostados um ao outro, caminham de mansinho, Exitam, tremem, e param alguns momentos.

Ele, o filho, um soldado cada-vérico amparado a um pau, ostenta uma medalha de herói da Grande Guerra. Ela, a mãe, uma velhinha definhada, ostenta, gravado na sua carne rugosa o selo da amargura que lhe fizeram sofrer.

Olham-se; e, num momento, um turbilhão de ideas se apodera das suas mentes. O filho, recorda as asperezas da guerra e lamenta não ter sido varado por uma bala. A mãe, lembra as agruras do apartamento na incerteza de tornar a vêr seu filho e agradecer a Deus a sua restituição. Choram.

* * *

Pois este par admirável seguiu sempre no meio da indiferença de todos! Essas almas humanas que sòmente pensam nos seus interesses e gostam de ver a Pátria engrandecida pelo esforço dos outros, nem um olhar de respeito ou admiração lançaram àqueles desgraçados que empenharam a felicidade na defeza da nossa Pátria!...

Coitados! Aquele herói que ali seguia ao lado de sua mãe, inspirava mais piedade do que admiração! Ainda há pouco, feliz, era o enlevo, a alegria e o amparo dela. Chamado um dia ao sacrificio heroico de defender a sua terra, arriuou a saúde. Agora, doente, percorre como um fantasma as ruas da cidade. E, se a sua mão se estende para pedir uma esmola, os que se enchem de entusiasmo quando ouvem contar as façanhas dos portugueses em França, julgam que aquele estropiado que ali se arrasta tem curiosidade de ver se a chuva cai!... Desditoso soldado!..

Aveiro, 30/10/30.

José Martins

O selo anti-tuberculoso

Se quereis defender a vida de vossos filhos, auxiliai a luta contra a tuberculose, afixando na correspondência o selo anti-tuberculoso, à venda em varias casas comerciais.

Ao correr da fita...

Valadares!... Gritára uma voz fina e prolongada. O comboio chegára. No único compartimento de segunda ia uma donzela de... primeira. Jorge entrára. E ao deparar com semelhante figura, elegante, gracil, estremeceu de alegria e ruborisou como se tivesse de lhe declarar que a amava. De facto sentiu o inebriante odôr dos seus perfumes e teve desejo de lhe falar. Mas como? Para recorrer à frase consagrado do Doutor Assis teria que esfregar as mãos, calçar as luvas e plagiar; «Está fresco, minha senhora, está fresco». Mas não... seria melhor perguntar: «Para Aveiro? Espinho?»

Estava o nosso galã nestas cogitações quando foi ferido por um olhar inebriante de ternura, um olhar interrogador. Resolveu falar.

— Então, até Espinho?

Ela respondeu com ar gracil, tirando uma luva e passando os olhos pelo espelho — melhor, um esboço de espelho — onde poderia, a custo, divisar a escuridão das olheiras ou o carmim dos lábios. Disse que não. Iria até Aveiro.

A conversa prelongou-se. Jorge teve mesmo a ideia de que Cupido ligára já o seu coração ao dela com um lacinho côr de rosa.

Aveiro!... grita uma voz forte e prolongada. O comboio parou e ela com um sorriso, numa voz suplicante:

— Desça!... Acompanhe-me, peço-lhe.

Jorge ia para Lisboa, mas... faria o sacrifício...

Desceu e, ao proximar-se dela, depois do comboio partir:

— Vamos para onde?

— A minha casa para lhe apresentar meu marido. — E desandou, mais gracil ainda.

David

Conferências

E' com o máximo regosijo que noticiamos o facto de as conferências realizadas no Liceu serem públicas.

E é do mais digno louvor esta atitude, porque além de ter como alvo a extensão da cultura oficial, manifesta bem a desenvoltura e desejo de tornar conhecido, no nosso meio, o valor da mentalidade nacional.

Foi já inaugurada esta série de conferências, pelo antigo aluno deste Liceu, Manuel Alves da Cunha, que dissertou com inteligência e patriotismo sobre a *excursão académica à província de Angola e o problema colonial português*.

Clínica de ouvidos, nariz e garganta

Manuel Pinto

Praça 8 de Maio, 35 — Telefone 140
Residência: Monte Arroio Oriental, 103

COIMBRA

Desencanto

Para o meu antigo professor
Ex.^{mo} Sr. Padre Vieira

Ando agora mais perto do Senhor!
Sinto a alma subir como uma ânsia...
— Que o vulto espiritual da minha Dôr
Tem um aspecto vago de Distância!

Pairo em sonhos diáfanos de luz
Que hei-de, noutras esferas, colorir...
E ando agora mais perto de Jesus...
Sinto a alma morrer... para subir!

O' divina ascensão de desencanto!
Ressurreição de luz tornada canto
Na distância parada do meu sêr!...

O' sublime desejo de partir!...
— Sinto a alma morrer... para subir...
Sinto a alma subir... para Viver!

Alboj, 1930.

Luís Carlos

Crónica Cinematográfica

Filmes culturais

Ao iniciar esta despresticiosa crónica cinematográfica, desejava descrever, sucintamente, a utilidade e o aprêço com que no estrangeiro são vistos os filmes culturais.

Que me perdõem as Ramonófilas — é R. Navarro o eleito das cinéfilas aveirenses — e os apaixonados das «estrelas» da Cinelândia, se, hoje não falo dos seus artistas preferidas...

Nas escolas estrangeiras, os professores acompanham as explicações duma lição com projecções cinematográficas, porque, segundo eles confessam unanimemente, é êsse o processo que mais resultados facultava para uma rápida compreensão do aluno.

Por isso, as mais altas individualidades científicas de Berlim — para só falar na Alemanha — com uma persistência notável, têm conseguido para a U. F. A. maravilhosos filmes culturais, inimitáveis, por enquanto, em todo o mundo, que são analisados e elogiados pelos sábios actualmente mais destacados.

Ainda há pouco, um sábio germânico, conseguiu, mercê duma «câmara» especial, filmar várias fases da vida dos micróbios, sendo, como era de prever, o seu árduo trabalho recebido com estupefacção pelos seus ilustres colegas.

Depois de «Moane», o grandioso poema das neves, que nos descrevia admiravelmente os costumes dos esquimãos (já foi projectado, nesta cidade, se não estou em erro há 7 anos) — conseguido por dois arrojados operadores americanos, surgiu o formidável documentário das selvas asiáticas: «Chang» (correu, também, na época transacta, no Rossio-Cine).

Mussolini, que como quasi todas as figuras em evidência na política mundial, é um cinéfilo convicto,

nutre especial predilecção por essa película.

Hoje, o cinema sonoro veio aumentar consideravelmente a importância e utilidade dos documentários.

Até os sacerdotes estrangeiros — principalmente os francêses — com a aprovação do Papa, têm realizado filmes religiosos que sua Santidade apreciará, depois, naturalmente regosijado, no Vaticano.

Em Portugal, antes de «Maria do Mar», o melhor filme que possuíamos era «Nazaré, praia de pescadores», da autoria de L. de Barros, um belíssimo documentário da vida tam espinhosa dos rudes habitantes daquela pitoresca povoação.

Possuindo um invejável valor pedagógico, que já mais será ultrapassado, a «arte do silêncio» (que, por sinal, já é sonorizada, falada, cantada e dançada mas, na qual, o silêncio prevalecerá como factor primordial do seu agrado) representa, um dos mais formidáveis baluartes do progresso.

Vasco A. Rocha

Necrologia

No passado dia 30 de Outubro faleceu no lugar de Vilar o sr. João Maria da Cruz.

O extinto era pai do aluno David Ferreira da Cruz, do Liceu de José Estêvão.

Vitimada por uma lesão cardíaca, finou-se às 6 horas do dia 31 de de Outubro, a sr.^a D. Beatriz Ala dos Reis, extremosa mãe do nosso querido colega Hermes dos Reis. Às 17 horas do mesmo dia, realizou-se o funeral que foi muito concorrido, comparecendo, entre muitas dezenas de pessoas, algumas entidades oficiais, que mostraram assim o aprêço que tinham pelas qualidades da finada. A's famílias enlutadas, sinceros pêsames.

Crónica desportiva

E' sempre difícil iniciar quaisquer crónicas desportivas, nos periódicos duma cidade, onde a cultura física é uma palavra sem sentido próprio. E' precisamente o caso de Aveiro.

Em Aveiro, apesar das suas boas condições, não se faz cultura física, já porque nos faltam técnicos, já porque não existem *meneurs*, e além disto e principalmente, porque a mocidade aveirense, caracterizada por uma lamentável falta de iniciativa e vontade, desperdiça o seu melhor tempo cuja utilidade nunca se verifica.

Para um povo ser fisicamente culto, é preciso que reúna fundamentalmente, qualidades de acção, de energia e perseverança, sem as quais não é possível obter-se um relativo revigoramento rácico.

E' preciso, além disso, que os governos se interessem sobmaneira, pelo desenvolvimento físico da mocidade, criando uma legislação fiscalizadora e protetionista; que facilitando o exercício metódico das actividades moças, não esqueça todavia a obrigatoriedade de inspeções médicas rigorosas e a necessidade da existência de balneários e outros processos higiénicos.

Nada disto acontece em Aveiro, onde os exercícios físicos quasi se limitam ao *foot-ball* e, mesmo êste, mal jogado.

Abro aqui um parêntesis para saudar o Club Beira-Mar, pela acção que tem desenvido em favor da natação. Este desporto é talvez o único que em Aveiro se pratica com bons resultados, se bem que, ainda alguns defeitos se possam apontar aos seus campeões. Mas isto de nenhum modo vai desprestigiar o Club, nem os seus sócios desportistas, pois que, embora seja manifesta a falta de preparação técnica, isso não tem obstado a que ganhassem já muitos primeiros prémios.

Portanto, para fechar a minha primeira crónica de desporto, saúdo todas as agremiações desta cidade que teem como principal objectivo, o revigoramento da mocidade aveirense, fazendo votos, os mais sinceros e veementes, para que ministrem aos seus socios-desportistas, dentro do melhor e mais eficaz método, uma cultura física consciente, de forma que não continuemos a enfermar dos mesmos defeitos e êrros que apenas coincidem sobre eles.

Quero também dirigir destas colunas um apêlo à juventude de Aveiro, lembrando-lhe que nem só o *foot-ball* é desporto, e que, mediante as diversas condições do individuo, podemos obter por meio de outros *sports* (é já o termo consagrado) o fortalecimento da mocidade Aveirense, e não só o desta, como também o da mocidade portuguesa.

Bordalo

LIVRARIA CENTRAL
DE
ARTUR DOS REIS
ARCOS — ENTRE PONTES

Papelaria. Perfumaria. Tabacos. Postais ilustrados. Objectos de escritório e pintura. Livros escolares. Scientificos. Recreativos. Romances. Poesias. Obras francesas. Todas as novidades literárias. Artigos de fotografia. Esta casa encarrega-se de revelar e tirar provas.

SEMPRE A ULTIMA NOVIDADE EM DISCOS PARA GRAMOFONES
Aparelhos TELEPHUNKEN T. S. F.—Os melhores do mundo.

SOUTO RATOLLA Casa fundada em 1801
AVEIRO

Perfumaria nacional e estrangeira. Giletas e lâminas. Papelaria e estatuetas. Postais ilustrados e edições de postais de Aveiro.

Tabacaria: Tabacos em fio e cigarros nacionais e estrangeiros. Charutos. Ourivesaria: Serpentina, salvas, faqueiros, cristais guarnecidos, estojos, objectos de ouro e pedras finas.

Relojoaria: Relógios em ouro, prata, aço, de parede e carrilhão. Longines, Zenith e Omega.

Telegramas: SOUTO RATOLLA — Aveiro

Salão Avenida
DE
Alvaro Ferreira

(A barbearia preferida pela Academia)

Telefone 115

OPTIMA EXECUÇÃO EM CABELOS DE SÊNHORA

RUA BENTO DE MOURA
AVEIRO

ELITE AVEIRENSE
Estabelecimento de fazendas e modas

Confecções, camisaria, gravataria, perfumaria e artigos de sport

EDUARDO OSORIO & FILHO, Suc.

Depositário da fábrica de calçado "A PORTUGAL"

Rua Mendes Leite e Praça 14 de Julho
AVEIRO

Agua das nascentes
VIDAGO
é só a que no rótulo apresenta o :

Vidago Palace Hotel
FIXE BEM O RÓTULO

Depositários em AVEIRO
Ulisses Pereira, Limitada
Telefone 66

FOTO CENTRAL
DE
HENRIQUE RAMOS

R. Combatentes da G. Guerra, 72—AVEIRO
Telefone 127

RETRATOS DE ARTE
ACABAMENTO DE TRABALHOS DOS AMADORES : Máquinas e artigos fotográficos
Revelações grátis de todos os artigos comprados nesta casa

CASA DOS OVOS MOLES
DE
Maria da Conceição Mourão, Suc. L.

RUA COIMBRA (Antiga Costeira) 3-a e 3-b
AVEIRO

CAFÉ E
PASTELARIA

VENEZA

RUA JOÃO MENDONÇA
AVEIRO

"A ELEGANTE"
CASA DE MODAS
DE
POMPEU DA COSTA PEREIRA

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES

Rua de José Estêvão
Telefone n.º 15
AVEIRO

Lourenço Vicente Ferreira

CIMENTO "TENAZ"
MOTORES MARÍTIMOS "PENTA"
APRESTOS MARÍTIMOS

RUA DO CAIS, 13
AVEIRO

Variado sortido de artigos para electricidade. — Candieiros de sala e de mesa. — Fogareiros, fervedores e aquecedores eléctricos. — Instalações de luz e campainhas. — Gramofones, discos e agulhas DECCA. Vendas a prestações. — Motos e bicicletas B.S.A. — Tintas e vernizes TEOLINO para todos os fins. — Soberbos esmaltes holandeses. — Motores Industriais e marítimos. — Motores eléctricos. — Grupos moto-bombas, etc., etc.

FERREIRA, PEREIRA & C.ª
Rua Direita, 43 — AVEIRO

HERPESINA Vende-se na farmácia de:
Domingos João dos Reis Júnior

Cura radicalmente tódas as doenças de pele (Eczemas, herpes, comichões, etc.)
De resultado seguro no tratamento de feridas de qualquer natureza.
Desinfectante enérgico, que se deve uzar tódas as vezes que se faz a barba, evitando assim contrair doenças por vezes graves.